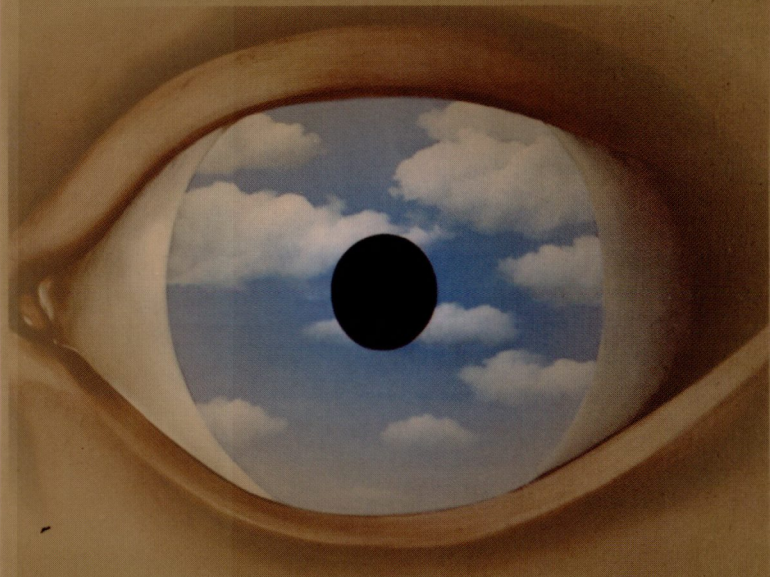


hildeberto barbosa filho

...e nada aconteceu comigo



ideia

“Hildeberto Barbosa Filho amadurece e endurece recorrendo às raízes. Sua poesia de agora espelha o sol inclemente do Cariri que parece queimar mais plantas que nascem de pedras por acaso do que participar da urdidura da clorofila. À medida que o tempo passa, ele descobre na aspereza cinzenta de sua paisagem de origem, além da feiúra aparente, uma beleza secreta, para iniciados, que ele passou a apreciar assim como também passou a celebrar como poucas vezes as profundezas do silêncio de estepes sem vento. {...} É como se a forma desdissesse o conteúdo e a respiração cortasse o soluço. O luxo do verso abundante, quase um discurso a interromper a matraca, reforça pelo avesso a pregação permanente da ideologia da escassez, que nos leva na obra poética dele à exposição da carência como forma de verter até a última gota de vinho amargo no cálice da paixão. {...} Este livro é para ser lido vagarosamente. Quando o leitor acaba, foi tudo muito rápido. Mas aprenda que brevidade nada tem a ver com facilidade. Ela também se conquista com a experiência. Experimente reler e, depois, repita. Faça-o à exaustão. Aprenderá, como eu, que só então sentirá o peso de cada palavra e a verá gotejar na secura alva da página impressa”.

José Nêumanne Pinto, em Apresentação
ao livro *Dançar com facas* (2016)

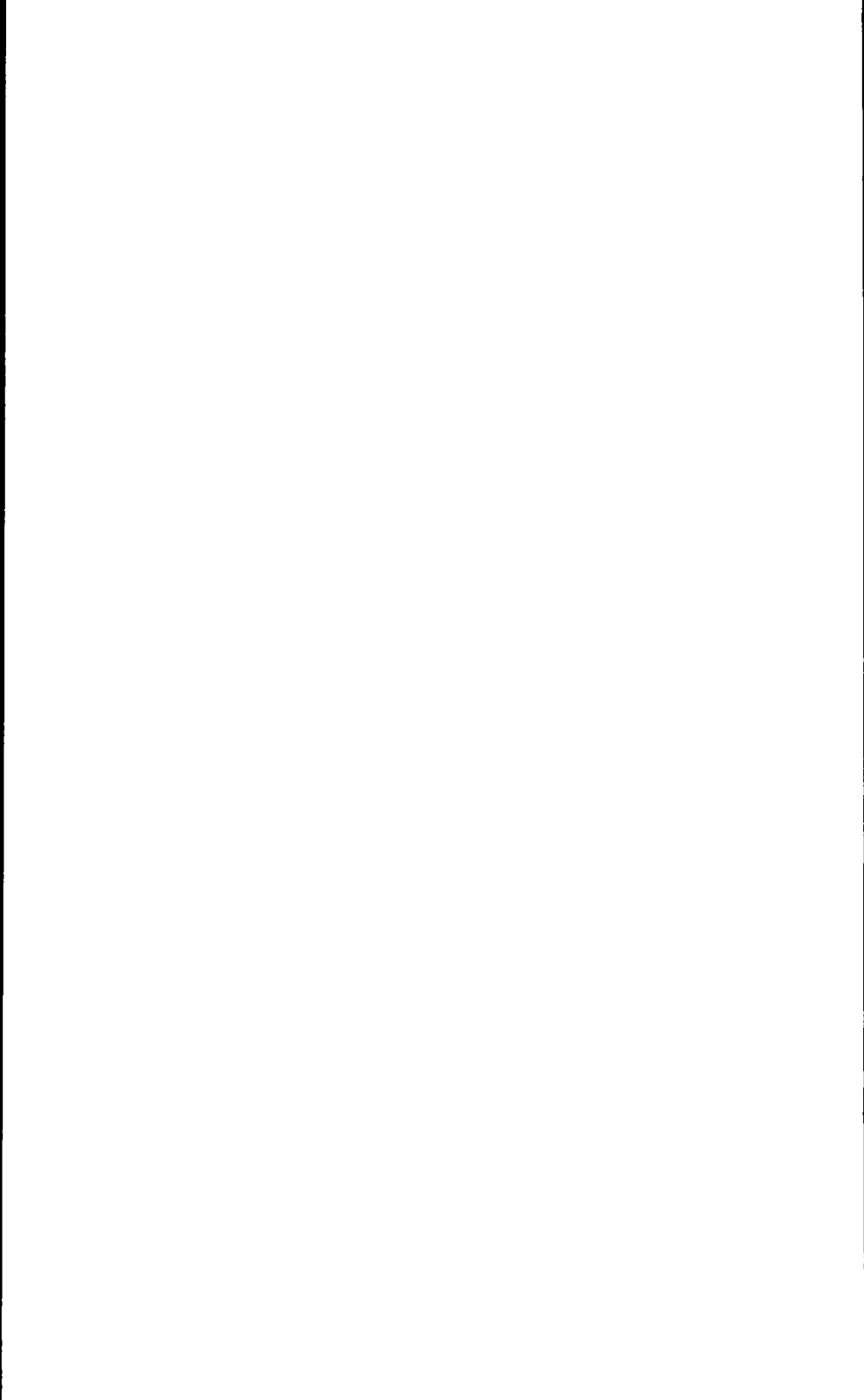
...e nada aconteceu comigo

Para o poeta
- escritor, - Sr. J. J. Costa,
com a amizade

d.

~~HB~~

(14/11/22)



...e nada aconteceu comigo

hildeberto barbosa filho

Ideia – João Pessoa – 2022

Todos os direitos e responsabilidades sobre os textos são do autor.

Capa/Diagramação: Magno Nicolau

Revisão: Hildeberto Barbosa Filho

Foto do autor: Antonio David

Ilustração da capa

O espelho falso, 1928, de René Magritte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B238n	Barbosa Filho, Hildeberto. ...e nada aconteceu comigo / Hildeberto Barbosa Filho. - João Pessoa: Ideia, 2022. 110p. ISBN 978-65-5608-233-2 1. Literatura brasileira – poesia. 2. Poesias brasileiras. 3. Escritor paraibano. I. Título
-------	--

CDU 82.94

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810

EDITORA

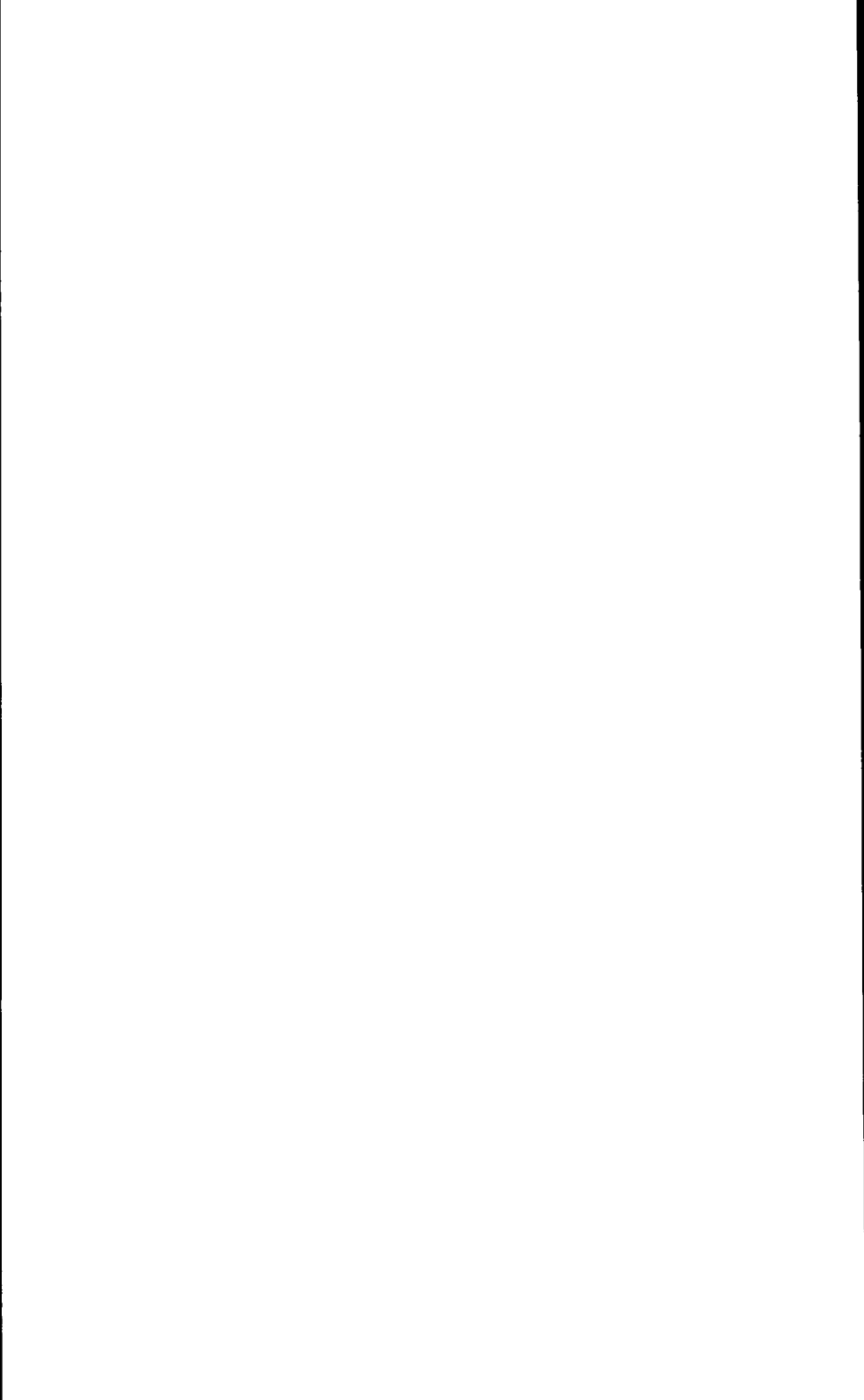
www.ideiaeditora.com.br

contato@ideiaeditora.com.br

Não há amor de viver sem desespero de viver.
(Albert Camus)

Dentro de mim mora um grito.
De noite ele sai com suas garras, à caça
De algo pra amar.
(Sylvia Plath)

Para mim, na poesia, tudo tem de ser desmesurado,
e não do jeito como todo mundo faz.
(Anna Akhmátova)



SUMÁRIO

Seis vozes /	11
O rio e a pedra /	13
Poética /	14
Palavras /	15
Crepúsculo /	16
Cerimônia /	17
Fim /	18
Caminhada /	19
Filme /	21
Infância /	22
Essas coisas /	23
Futuro /	24
Narciso /	25
Assinatura /	26
Outra poética /	27
Morrer /	28
O cacto /	29
Pandemia /	30
Registro /	31
Planilha /	32
Gatos /	33
Inquilino /	34
Epitáfio /	35
Mercadinho	36
Geografia	37

Família /	38
Tempo /	40
Van Gogh /	41
O quarto /	42
Claustropoema /	43
Convalescendo /	45
Cirurgia /	47
Monólogo /	48
Vacina /	50
Remédio /	51
O meu lugar /	53
Depois /	54
Breve /	55
O vento /	56
O vento e o poema /	57
Visitantes /	58
Alternativa /	59
Outra viagem /	60
Lição /	61
Coisas estranhas /	62
Estar morto /	64
Herança /	66
Porre /	68
Joan Baez /	69
Final /	70
Celular /	71
Mulheres /	72
Ginástica /	75

Proteção /	76
Você e o poeta /	77
JM /	78
Dia das bruxas /	79
MMA /	80
Nomear /	81
Ecossistema /	82
Fosse mais novo /	83
Respira, poesia /	84
Tanta poesia /	85
Coisas /	86
Embriaguez I /	88
Embriaguez II /	89
Vocabulário /	90
Campina /	92
Impressão /	93
Ofício /	95
...e nada aconteceu comigo /	97
Conceito /	98
Consulta /	99
Princípio /	100
Risco /	101
Tabuada /	102
Futebol /	103
Disputa /	104
Espólio /	105
Sozinho no poema /	106
O mar /	108



Seis vozes

Encerro por aqui.

Acabo de ler
que Emily Dickinson cortava
seus versos, e o sangue pingava
das palavras dentro da alma.

Descubro
que Elizabeth Bishop se envenenava
a cada dia com o ácido da poesia.

Vejo agora
que Sílvia Plath ainda vive e sofre
a letalidade do gás,
o roubo de uma sinestesia
asfixiada.

Deveria ter me afogado
com Virgínia Woolf sob as ondas
daquele nebuloso rio.
Seria mais uma pedra
a pesar dentro
de seu aquático corpo.

Amo os cactos de Clarice,
suas sílabas inominadas.
Deus não descansa na sua letra
esguia, na harmonia do caos
que me invade.

Encerro por aqui.

Estou sozinho no último andar.
Só vejo o mar, só tenho o mar
e um tesouro na ilha,
Cecília.

O rio e a pedra

(Para Rangel Júnior)

A idade do rio
não é a mesma da pedra.
A idade da pedra
não é a mesma do rio.

As águas do rio
lavam o dorso da pedra,
e o rio, sendo rio, muda.
Mudando o rio,
é a história da pedra
que passa.

O rio está dentro da pedra
ou a pedra se entranha no rio?

Só as águas sabem
fluir esse segredo.

Tudo no rio, tudo na pedra
é degredo.

(04/05/21)

Poética

Terei tempo
para inscrever no pânico
da pedra
o último verso?

Sinto a forma perecer
diante das coisas mumificadas,
o coração coagulado, a língua
paralítica.

Tudo silencia.
Os olhos se fecham,
as mãos gesticulam
dentro do nada.

A poesia palpita no mundo,
acanhada e muda.

(28/04/21)

Palavras

Algumas palavras
esquecem quem sou.
Outras me têm na calada
da noite,
quase sombra,
quase sussurro.

Vivi pelas palavras
sempre com a sede
do seu secreto sabor.

Quantas não topei,
ásperas e arredias;
quantas bateram em mim
com seus chicotes de fogo.
Uma e outra me visitaram
com ardor e paixão.

Mas palavra é só palavra,
sudário surdo, efígie muda.

Hospedei
meus ossos no seu reino.

(27/04/21)

Crepúsculo

Adusta terra,
somente aqui
cascalhos têm luz.
O sexo é o sol.
O sol é salmo, salva
o alumínio do dia.
À tarde,
a alma desmorona
sobre os estilhaços da noite.
Uma lua bêbada
se desmancha no vazio.
Um orgasmo infinito alaga o céu.
A eternidade se balança
num galho triste de algaroba.
Um ponto final pausa no crepúsculo
do poema.

(25/04/21)

Cerimônia

Viver foi fazer coisas miúdas.
Deixar os dias passarem,
sem o éter do grande acontecimento.
O ouro no limpar das gaiolas.
O êxtase no folhear os livros.
Ler e amar sem dor nem ciúme.
Cada palavra, um tesouro quântico.
Espiar o nada
onde o sonho se desmancha.
Só,
repetir a cerimônia do poema.

Fim

Ácidas águas alagam a tarde.
Molhados animais se escondem.
Um vento vertical corta o crepúsculo.
Não dá mais tempo.
O outono ameaça devorar o júbilo
das coisas.
O vulcão silencia.
A alma se dilata e some.

Ser sozinho foi o meu patrimônio.

Caminhada

Caminho
quando escrevo o meu poema.
Manhã cedo
ou pela paisagem do crepúsculo
vou arrumando a ecologia
das palavras,
respirando o aroma das horas
que passam.

Aquela árvore
deixa-se florir com o verde
das imagens.

Se é o sol
que nasce dentro do primeiro
verso;
se é o sol
que se põe no terceto de ouro,
apenas caminho pelos campos
do poema.

Vai chover.
As elipses alagadas
batem no coração de meus passos.
Tudo se faz água
no rio do poema que escrevo
caminhando.

(18/04/21)

Filme

Assiste
ao filme de tua vida.
Destaca
as cenas principais,
as que se abrem
para o impossível,
sobretudo.
Entrega-te
ao desfecho incalculável.

Nesse roteiro
ninguém fará o teu papel.
Teus coadjuvantes estão
na tipologia dos incompletos.
Perfeito é o teu antagonista,
Deus, diabo, destino
ou a secreção das palavras
no final.

Infância

Trago dias antigos
marcados no corpo.
Meus olhos
guardam a melodia
dos rios temporários.
Choveu muito pouco
no meu coração.
Menino,
pássaros e palavras
pousavam no meu sonho.
Entre a bosta do boi
e as lunetas do céu,
a vida acontecia.

Essas coisas

Que seria de mim
sem essas coisas
que me rodeiam,
nuas e caladas?

Essas coisas
vivem dentro de mim
como o hálito, um segredo.
Respiram o meu silêncio,
acariciam este corpo
no mais íntimo das lacunas.

Essas coisas
me têm dentro da carne,
no nervo, no osso,
dentro do sonho,
no espetáculo circunflexo
do dia que se finda.

Futuro

Minhas mãos
não tocarão as paisagens
de Paris
no ano de 2023.

Nunca mais
voltarei àquele moinho
de Amsterdã.

Dispensarei
o WhatsApp quando o crepúsculo
baixar naquela esquina
de Londres.

Ninguém
me achará na esfera virtual.
Todos os dígitos estarão
aniquilados.

O mundo que passou
cabará na bolsa ou no coração.

Serei o último habitante
da cidade deletada.

Narciso

Tinha o júbilo
de uma fera sobre a presa
e era cruel e exato
como um deus.

Assinatura

Decerto chego
ao fim do deserto,
ao vértice dos dias,
sem luz nem abrigo.

As paisagens pastam
sob o sol da memória.

Perdi tantas coisas
que ficaram paralisadas
no júbilo das palavras.

Não fui um animal paciente.
Tenho um nome a ser assinado
num fichário ou na pedra.

Outra poética

O losango
da luz na água,
a água
estagnada na fonte,
a fonte das letras
no horizonte.

Morrer

Lembro menos cada vez mais.
Morrer talvez seja assim.
Perder de vista o que foi,
e se foi na chuva, no vento.

Perder de vista aquela tarde
de agosto com odor de setembro.
Não mais o sabor da vitória,
o aroma daquela história de amor
que passou como um erro de Deus.

Morrer deve ser bom
como bom deve ser o esquecimento.

O cacto

Amo o cacto,
sua seca volúpia,
ilhada e única.

Pouca água
para seu verso crescer.
Não misturar seu porte
de rei
com espécies mesquinhas.
Enfrentar o sol sem medo.
Filtrar da luz o melhor.

O melhor do cacto,
viver só.

Pandemia

Nada vais tirar de mim,
pandemia.

Em mim há regiões
aonde não penetras.
Meu tempo não é o teu.

Impedir de ouvir Joan Baez,
jamais;
de me soltar pelas janelas
do vento
com sua voz que vírus nenhum
paralisa,
jamais.

Maysa está ali a me esperar
dentro do *lockdown*.
Nelson me traz para dentro
do tango
já em outra pandemia.

Passa ao largo.
Podes até me levar nessa agonia.
Alguma melodia há de ficar.

Registro

O ano, 1954.
Getúlio se deu um tiro
no peito.
Eu nascia no dia 9 de outubro,
o país em crise; os pais, felizes,
a poesia em pânico.

Nunca soube
a hora em que apeei por aqui.
Desconheço meus ascendentes
zodiacais,
a carta de navegação inscrita
no meu destino.

Fui vivendo
os verões, a sina da terra;
os invernos, veios de alegria
se dilatando.

A safra melhor colhi
como dádiva cósmica.

Na bolsa,
sempre carrego a pedra da sorte,
o pó do poema que se espalha
por dentro de mim.

Planilha

A sala não tem geografia.
A eternidade repousa nas plumas
do relógio.
O tempo copula com as sombras.
A varanda goza e goza muito
com as garras da noite.

Em todo vento pulsa a danação.
Ilhas se distendem pelo mel
dos abismos.
Os músculos de Deus brilham
nos meus beijos, no teu ventre.

Quero o teu corpo,
a queda e o enxame dos céus,
o molusco, a estrela que ilumina
o hematoma do delírio.

Nem a gosma do teu corpo
salva o meu crime,
feito de saliva e metáforas.

Não é o amor,
com seus catecismos e brutalidades,
que faz a santidade do poema.

Gatos

Odeio gatos.
Se há poesia é no lombo
de boi,
na água do olhar encantado
ruminando as manhãs.

Que coisa sem graça um gato
quando o telhado é feito de raptos!

Pavor o gato no ato.
Nem a armadilha da lua captura
seus miados
pelas alcovas da noite.

Desculpe, Eliot. Que tema!
Chato é o gato no poema!

Inquilino

(Para Carlos Alberto Jales)

Sou inquilino do poema.
Tudo já está pago.
O gás, a luz, a água.

O contrato tem firma reconhecida,
avalista, prazo e carimbo da lírica
medieval.

Onde moro hoje
moraram Dante, Poe, Baudelaire,
Borges, Pessoa, Jorge, Augusto.

Nenhum deles deixou rastro.
Mas sinto um cheiro de dor entranhado
nas paredes.

Ontem, quando abri o chuveiro,
a água caía com gosto de poesia.

Epitáfio

Ficar sozinho
não me incomoda.
Ser abandonado,
também não.
Esquecido,
menos ainda.

Queria mesmo
nunca ter existido.

Mercadinho

Uma cerveja, amigo.
Passe o macarrão da freguesa.
Tenho todo o tempo do mundo
para esperar.

A minha dor
não cabe num saco plástico.
Meu desespero
não pode ser empacotado.

Espero, você, na fila.
Estou sempre atrás da esperança.
A vida não se mostra na prateleira.
Ir ao mercadinho não é morrer.

Bote na lista da feira o meu perdão.
Faço questão de pagar esta conta.

Geografia

Eita!
Não tem lugar mesmo.

Toda geografia dói.
Nenhum continente me cabe.
Toda ilha me oprime.

Vou para onde?

Meus mapas estão fechados.
Pasárgada, apenas delírio
de poeta.

Dentro do poema serei feliz?
Serei salvo pela fé da palavra?
Não sei. Ninguém sabe.

Procuro um lugar que não existe.
Está no passado ou no futuro?
No presente, não.

O presente não me quer
nem me suporta.

Família

Família é labirinto.
Família é viagem.

Barcos
cavalos
espelhos
a casa
prontos
para o juízo final.

Todo quarto é labirinto.
É labirinto todo claustro.

Todo quadro é labirinto.
Pontos de fuga são viagens.
Os espelhos liberam o fio da vida.
Barcos encalham.
A casa é um mar que se afoga,
naufrágio a seco.
Águas venenosas correm lá fora.

A família, o de dentro.
Lá fora, o mundo é maior.

Meu coração se estreita.
O poema tem falta de ar.
As cores respiram
os bens e o sangue nesta história.

Viver e morrer,
qual a glória?

Tempo

Nunca
briguei com o futuro.

O passado
bate forte em mim.

O presente,
essa vidinha à toa.

Gosto mais do espaço
que do tempo.

A cronologia pesa.
A geografia, sempre
uma possibilidade.

Van Gogh

Aqui não tem trigais.
Espingardas, de longo
e curto alcance, sei
de suas proezas.

Aqui tem sol.
Os girassóis fenecem,
o suicídio é comum.

São outros
os amarelos do desespero.

Ninguém
pintou a caatinga certamente.
Não nasceste aqui.

O quarto

O branco das paredes
será vazio?

Estou preso ao nada,
ao quarto, quase um túmulo
que se fecha e se abre
para dentro, para fora da peste.

Quem pinta está empestado
pelo milagre das cores.
Quem pinta morre um pouco
a cada dia e adia a tela da agonia,
a aquarela da dor.

O sentido pula da moldura,
a tortura de dentro invade os museus
de lá fora.

Quem pinta vai embora
para dentro do mundo, a vida liberta.
Quem pinta é poeta e à poesia se dá,
completamente,
não importa o mal da pandemia.

Claustropoema

(Para Flávio Tavares)

Lá fora, não dá mais.
Vou ficar dentro do poema.

Dentro do poema,
respiro o ar puro das palavras,
misturo seus tons e cores,
desenho imagens,
habito os pontos de fuga
da memória,
da poesia.

Se só,
em voluntária clausura,
mais livre,
mais vivo.

Lá fora,
o caos, o crime,
o verme, o vírus,
a morte.

Dentro do poema,
a ordem luminosa,
o clamor cósmico,
a rosa que resiste,
o silêncio que salva.

Convalescendo

Se estão
de terno e gravata,
uso camisa de meia
e calças jeans desbotada.

Se bebem
socialmente,
tomo todas, sem cerimônia,
para suportar o mundo.

Se nunca
levaram porrada,
se são campeões em tudo,
como no poema de Pessoa,
apanhei muito na vida,
e se fez um hábito perder.

Tudo
que me é familiar
me é estranho.
Digo mesmo o que penso?

Sei do acaso.
Sei da necessidade.
Morro um pouco a cada dia,
mas não lamento.

Cultivo meus óleos essenciais,
cuido dos meus pássaros,
sinto compaixão pelas criaturas,
converso com meus deuses.

Ontem mexeram na minha cabeça.
Dentro dela ainda era vida,
vasos, ideias, imagens,
tudo constelado no sangue,
antes do futuro.

Dispensio o conforto dos finais.
Estou vivo.
É hora de voltar ao poema
para dar espaço ao desejo
e não enlouquecer.

Cirurgia

O maqueiro
era flamenguista.
A enfermeira,
de salto alto,
com ar evangélico,
gostava de ler.
O anestesista
se via com gosto poético
e me pediu um de meus livros
com a seringa na mão.
Um ex-aluno,
que trabalha no hospital,
veio me ver, disse,
preocupado.
O assistente,
como eu, era dado a cavalos
e novilhas.
O cirurgião,
doido por pescaria,
contou uma piada de salão.
Uma zorra!
Apaguei.

Monólogo

Chegaste aqui,
aqui já estava.
Cresceste, e sempre
te acompanhei,
ora à distância,
ora bem de perto.
Não fizeste nada
que não soubesse
o meu faro de fera
ubíqua e ancestral.
Foste feliz, tiveste
tristeza, dor, doença,
estava ali a te mirar,
solerte e satisfeita,
com meus desígnios
implacáveis.
Não sabias de nada,
eu tudo sabia.
O dia, a hora, o lugar,
a circunstância.

De certa forma,
fui o teu único bem,
a única certeza,
a companhia fiel,
quiseste ou não.
Eu sei quem tu és.
Nunca saberás quem sou.

Vacina

Nada
aconteceu comigo.
Nada
vai me destruir.

Fui mordido por cascavel,
o maribondo me picou
em meio à palma gigante.

Não é dengo de mulher
que me dói no juízo.

Levei queda de cavalo,
coice de burro,
tive espinhela caída
e o ciúme de Rosa.

Mais tarde li Platão
e nada aconteceu comigo.

Pandemia sempre foi
meu pandemônio interior.
Quem faz poesia suporta tudo.

O poema, a vacina perfeita.

Remédio

Sou doente de nascença.
Trago no corpo uma coisa ruim,
uma reima que não tem cura.

Fosse a verruga no dedo mindinho,
que brotou na tabuada das estrelas,
nem doía tanto.

Não é o quebranto da alma
que me abocanhou.
Melhor seria fosse um câncer
na garganta,
uma legítima gonorreia.

Mas doença do mundo
não me pega.

Será loucura?
Não. Loucura não é.
Há um brilho na ordem das palavras.

Meu avô me levou à rezadeira.
A rezadeira não me rezou.

Era tanta melancolia!

Apenas disse:

— Não tem remédio, seu Miné,
é poesia.

O meu lugar

Tu não és a minha viagem,
és o meu lugar.

As rotas que traço,
percorro no teu território.

Sei que existem
estradas no teu olhar.
E são tantas as cidades,
tantos os países, estranhos
que me são familiares,
só porque te habitei.

Tu és o meu porto perdido,
a viagem cancelada,
o meu lugar.

Depois

Depois que eu morrer,
tudo vai acontecer
como sempre aconteceu.

Os meus chorarão
por alguns dias, outros
logo me esquecerão,
muitos nem saberão
do acontecido.

A cidade vai crescer,
nomes mudarão,
serão outros os artistas
da palavra,
nenhum poema falará de mim.

Se alguém que amei
de mim lembrar, também
morrerá.
Ninguém vai sobreviver
para contar essa história.

Depois que eu morrer,
findará tudo,
a poesia será o que é,
ausência e silêncio

Breve

Breve morrerei,
nada levarei comigo.

Os afagos que te fiz
naquela noite de abril
ficaram por ali mesmo.

Foi muito bom
quando tocaste a minha mão
pela primeira vez,
e o amor nascia como nascem
as ervas depois da chuva.

Tudo isso está tão longe!
Breve morrerei.

Fui feliz nas viagens que não fiz,
minha terra tudo me deu,
mas nada disso levarei.

Irei tão só e tão nu,
sem memória,
nenhum poema escreverei.

O vento

O vento não passa.
O vento bate forte.
O vento dói.
O vento é sombrio,
infeciona o corpo e a alma.
O vento sufoca,
os órgãos não respiram.
O vento venta do Norte,
açoita o Sul.
As criaturas estão morrendo
de Leste a Oeste.
Que vento é esse
que ninguém vê,
mas que se sente, solto e sumário,
a toda hora, em todo lugar?
Principalmente no futuro,
que não tem diagnóstico,
e não sei narrar.

O vento e o poema

Passei a minha vida
pastando o vento.

Ora, o vento que vinha
da serra para acariciar a solidão
dos animais
e bafejar a terra com seus inventos
ancestrais.

Ora, o vento que Deus soprava
por dentro das palavras,
fazendo do poema um recado
da eternidade.

Que idade tem o vento?
Que idade tem o poema?

Onde está a verdade,
no poema ou no vento?

O vento é o poema uivando.
O poema é o vento passando.

Visitantes

Nas noites de insônia,
trôpegos poemas
vêm bater à minha porta.

Um me conta,
em versos bisonhos,
que fui dragão em eras
arcaicas,
que a fúria de meus olhos
queimava o brilho
das metáforas.

Outro me invade,
uivando sob as asas
do pesadelo,
punindo-me com suas imagens
estilhaçadas.

Há o que me lacera a alma
com o veneno dos vocábulos
apodrecidos
e me joga na cara
o erro que sou.

Alternativa

Se o poema for pedrada,
pode te ferir o orgulho,
acordar a tua fúria,
fechar-se no último verso,
beco sem saída.

Se o poema for milagre,
talvez alguém se salve.

Pedrada ou milagre,
nada restaria.

Outra viagem

(Para Ed Porto)

Terminaram
as minhas viagens.
Só as rotas do poema
me atraem.

Meu lugar de chegada
está aqui dentro.

Esta viagem
dispensa guias e catálogos.
O mercado do lazer
e dos negócios não comanda
seus roteiros.

Não é de turismo
esta outra viagem.

Esta viagem,
difícil, não tem preço.
É pura graça, não tem fim.

Lição

Poesia
não é meio de vida.
É um modo de viver.

Coisas estranhas

Coisas estranhas
podem estar acontecendo,
exatamente agora,
quando ninguém vê.

Alguém toma café
e vai ao trabalho sem paixão,
sem utopia.

O dia está quente,
e o verão, todo aço e fumaça,
se desenha, inútil,
como uma tela aniquilada.

Crianças viajam pelos dígitos
incontroláveis,
brinquedos não existem mais,
as horas se fazem prisões
coloridas.

Amália
quer se matar sob o sol de meio dia;
Joaquim já planejou o lance
diabólico,
o corretor enlouqueceu
dentro do apartamento,
o médico revela ao paciente
que só lhe restam poucos meses
de vida.

Os shoppings estão lotados,
um halo de volúpia escorre
pelas escadas rolantes .
Borges, Dante e Dostoiévski
me espiam da solidão das livrarias.
O guarda tira o expediente
e sonha,
a noite vai chegando sem subterfúgios
nem promessas.

Tantas coisas acontecendo!

E o poeta,
anônimo, ensimesmado,
escava a raiz das palavras
para nomear o absurdo.

Estar morto

Estar morto como seria?

O dia certamente seria
o mesmo.
Não parariam os ponteiros
do relógio.
O expediente dos que lidam
na tarde e na noite
teria a regularidade dos hábitos,
o implacável ciclo,
como notas de uma pálida
melodia.

Estando morto,
já não importaria se saudável
o alimento do corpo, o fermento
da alma, a calma dos fenômenos
acontecendo.

Já não importaria
se o amor fabrica sonetos na febre
de viver,
se o poema acolhe o não saber
das coisas,
a lição da fratura, a rude
ternura de ser.

Estar morto,
ganhar ou perder?

Herança

Deixo a melhor
parte de minha vida.
Os melhores livros que li,
os perfumes raros
com que te banhei
nos meus sonhos.
Meu primeiro poema,
ainda tosco, a poesia
escondida que andava
por dentro dele
e a letra maiúscula
de seu título imperfeito.
Esse sem jeito de amar
que não cabe na elipse.
Meu patrimônio de carícias.
Aquela noite, a única.
O solo de minha fala
desafinada, meus lábios
nos teus abismos.
E mais:
aquele que nos faz,
com espinhas e perplexidades.

Ainda:
uma aurora muda,
uma tarde na praça,
um chocolate e a espuma
de uma ilusão, ou as mesmas
elegias na areia.

Porre

Se tomar um porre,
meu verso se embriaga,
mas fico lúcido.

A poesia se alarga tanto,
o espanto aumenta tanto,
se tomar um porre.

Fico melhor quando bebo.
Quando bebo, e bebo sempre,
viver parece a glória maior.

Se tomar um porre,
cresce minha pandemia interior.
Meu exílio se dilata
pelas omoplatas do mundo,
E fico aqui, comigo mesmo,
brindando, num copo só,
o brilho do que vai desaparecer.

Joan Baez

Por que amo
a voz de Joan Baez:

tem calor
e trote de cavalos.
Tem campos estrelados
e a noite aberta para o sonho.
Tem faróis
que suplicam o mel da solidão,
montanhas perdidas pelos vales
do Alabama.
Tem um Mississipe
e a curva do rio onde enterrei
meu coração.
Tem luzes, climas
que vêm de dentro do mistério,
a cadência, a calidez, o minério
da alma,
e como me acalma a voz
de Joan Baez!

Final

Meu corpo,
leve e leve, leva-me
longe.
Minha pele escurece
e estou mais denso,
e tenho menos tempo.
As unhas nunca existiram
em minhas mãos.
Com elas feri os tímpanos
da aurora.
Cheguei a todas as idades.
Tenho o inferno por companhia
no céu da boca.
Quando bebo vinho,
os poemas ficam aos pedaços,
e a minha alma renasce na dor
da lucidez.
Quero somente o que é.
O que vivi acabou.
Ainda bem.

Celular

(Para Ana Monique Moura)

Ontem
deixei meu celular
de lado.
Quis navegar
em outras redes.

Vezes, não suporto
o mundo virtual,
onde tudo é líquido
e gasoso,
onde somos e não somos
simulacros, nada.

Prefiro
o arcaico sabor
das coisas reais, a cota
de sonho que as inventa
na geografia do impossível.

Prefiro
a rede a balançar
outras teclas, outros links
que não se apagam.

Mulheres

Existem
as hegelianas,
são raras
como a verdade
filosófica.

As que só leem
Montaigne
e gozam depressa,
com tédio
e sem viagens.

Não gosto muito
das que dormem
com Nietzsche
e só amam
o super-homem,
certas de que Deus
está morto.

As piores
citam Platão
e fazem carícia
com os dedos
do idealismo.

Outras
são frígidas
como Kant,
impenetráveis
e absolutas
como o imperativo
categórico.

As que leram Freud
não sabem nada.
Tudo para elas
é pai ou mãe,
o falo e a fala
como um beco
sem saída.

Melhores
são as sartreanas
diante do ser
e do nada.
As que pensam
serem belas e livres.

Qual delas
vai ficar comigo?

Sou
um homem simples,
não conheço essa gente.
Apenas
gosto de mulher.

Gosto
das que se dão,
sem a camisola
da sabedoria.

Gosto
das que dão
de graça,
com a graça de Deus,
e toda vez
é a primeira.

Ginástica

Saio de casa
para cuidar do corpo.

As mãos
cada vez mais se esmeram
na arte de burilar a solidão.

As pernas
estão rígidas para o salto
definitivo.

Devo cuidar
de meu corpo, velho templo
de cerimônias e vertigens.

A alma
não tem cura, faz tempo.

Proteção

Os céus me protegem,
e os anjos, com suas lâminas
de gelo, abençoam
o meu tormento.

Os céus me protegem,
e a terra arde, a palavra
queima, e as criaturas
renascem das cinzas
como o mito e a morte.

Você e o poeta

Se você não puder gritar,
o poeta o fará por você.

Se o vômito não sai,
se a garganta dói, se a ressaca
espalha a inutilidade de tudo,
o poeta sabe e escuta.

Se você não sabe falar do amor
que o incendeia, peça ao poeta
os poemas de fogo, e ele acenderá
cavernas e sepulcros.

Se você não tem nome,
e é a dor que o assiste entre pares
e amadas, diga isto ao poeta.
Ele escreverá o mesmo poema.

Se você não puder gritar
o poeta o fará por você.

JM

Cozinho
minha vida a vida toda
para os outros.

Não vendo poesia,
atendo melhor aos que sabem
saborear sua carne mágica.

Tenho galeto, feijoada,
dobradinha e um senso de humor
cheio de compaixão
pelos que têm fome e sede.

Cozinho bem.
Não faço versos, mas sei
temperar o alheio apetite
como um Deus.
E ninguém me conhece.

Dia das bruxas

Vá para a janela
carpir o vento e escolher
o agudo pássaro, o talismã,
o feitiço que me prenderá.

Quando a noite chegar,
e a lua se esconder por trás
do silêncio,
e lobos uivarem a prece,
o sacrifício,
sirva-me o chá da vida.

Em lugar de mulher,
ponha um amuleto,
no meu destino.

MMA

(Para Ronda Rousey)

Se tem mulher no UFC,
a luta será melhor.

Há algo a mais na violência,
pacto de drama e beleza.

É maior a solidão do combate,
e quando elas lutam, e se devoram,
falam outras coisas além
do nocaute dos homens.

Para o octógono,
trazem a poesia nos punhos,
e quando finalizam, bato depressa.

Perder, disse um poeta,
é tocar alguma coisa mais além
da vitória.

Nomear

(Para Sérgio Medeiros)

Não sei nomear
as coisas que amo.

Gosto de ficar perto
do silêncio que as ilumina
e tocar o elemento vivo,
da carne e da beleza.

Não sei nomear
as coisas que amo.

Não seria o amor
linguagem muda?

Nomear limita!

Ecosystema

Acordo cedo:
crio pássaros!

Fosse mais novo

Fosse mais novo,
voltaria a meu chão
sem chuva,
não teria ido a Paris.

Atiraria,
no meio da noite,
dentro do meu peito,
para matar o futuro.

Fosse mais novo,
não teria saído dali,
ainda estaria acariciando
a intimidade das pedras,
sem saber a cor das palavras.

Fosse mais novo,
mas envelheci, e desaprendi
o caminho de volta.

Respira, poesia

Respira, poesia.

Mistura-te às secreções
do corpo
e aspira o que há lá dentro
da hóstia de Deus.

Enlaça a tua voz à minha,
que vaga pela nave da tela
e se perde na nuvem.

Sei que a luz te alimenta
além do desespero.

Se és palavra,
só o silêncio te traduz.

Tanta poesia

Tem poesia em cada canto
que a gente não vê,
em tanta coisa que a gente
joga fora,
em tanto entulho,
em tanta letra apagada,
na namorada que caiu
no esquecimento,
na história que termina
antes do poema acontecer.

Tanta poesia
que escorre pelos dedos
da aurora,
e pelo minério,
e pelo veludo que germina
nos úberes da noite.

Tanta poesia calada,
tanto poema imperfeito.

O jeito é acreditar na poesia
do mundo,
antes que o mundo acabe.

Coisas

Sinto
amor pelas coisas,
principalmente,
se inúteis, alquímicas,
pequeninas.

Olho
um candelabro solitário,
seu corpo tem luz.
Na fresta do mudo Idioma,
apalpo a fina música
da perfeição.

E uma xícara,
cheia dos vazios
do sabor?

Toco
o silêncio do anel
indiferente ao fluxo
das artérias.

Escuto
o tempo no relógio
inutilizado,
a esfera das horas
irrestituíveis.

Navego
a caneta pelo rio
das palavras.
Alcanço a foz do poema.

Será o poema o meu destino?

Embriaguez I

(Para Adeildo Pereira)

Melhor
dos trabalhos,
beber.

Beber o que,
se a ilusão fechou
suas portas?

Beber o sol,
que não tem a companhia
dos idiotas.

Beber a lua,
que dá, para todos,
a bunda amarela, e goza
como ela, no espaço.

Beber para quê?
A natureza já é
a única embriaguez.

Embriaguez II

Agora mesmo
bebo muito,
e a poesia, o melhor
bem natural,
me embriaga
a alma e o corpo,
para sempre.

Vocabulário

Para a palavra me dispo.
Dentro da palavra me inscrevo.
Com a palavra me perfumeo.
Fora da palavra enlouqueço.

Pela palavra, o meu silêncio,
crio meus deuses,
pesquisei o sol, a luz do sol,
a chama das manchas,
as cicatrizes do amor.

Na palavra, os pássaros,
seus cantos implumes,
suas rotas raras.

Sob a palavra, o dia de hoje,
agora, amanhã e sempre,
quando o verso me pedir.

O verso não me pede.
O verso me comanda.
Comanda a linguagem
feita de martírios
e sigilosas alegrias.

Sobre a palavra, o que não tenho,
o que tenho e nem me basta.

Da palavra, apenas a lágrima
que me lava a sujeira da alma
e emoldura o poema.

Campina

(Para José Mário da Silva)

Amo essa cidade.
Essa cidade me deu noites,
milagres,
uma santa em cada esquina.

Nas madrugadas suas,
nuas estavam as coisas,
nítido, o destino.

Amo essa cidade
como a última sílaba
do meu ferido idioma.

Foi nas suas noites
que me perdi de mim mesmo
para sempre.

E, perdido, só via a volúpia
da neblina na Serra.

Impressão

O que mais
me impressiona:

a virtude e a volúpia
andando de mãos dadas
como dois pássaros
pelo abismo.

A rota do inferno mais angelical
e a íris das deusas devassas.

O jeito desnudo
de vestir as partes da alma,
de pentear o cabelo sorrindo
e de pôr o corpo de molho
no alguidar:
do amor e das promessas.

Me impressionam também
as curvas da tristeza,
o olhar de quem vê o espanto
e sabe do ardor de se ser.

As unhas são perfeitas
como silepses azuis,
o beijo tem o ritmo
dos naufrágios.

A pele
é o meu poema preferido.
Não só cheira a odaliscas
Antigas.
Tem o silêncio
que tudo tem e tudo guarda.

Ofício

A polir as palavras
dediquei a minha vida.

Levo horas
para compor um verso.
Minutos depois,
reviso, altero, tiro uma palavra
e boto outra
no murmúrio de seus órgãos.

Assim
vou chegando ao vértice
de uma estrofe.
Leio e releio o que escrevi
e não me conformo.
Um doido alfabeto me arrebenta
a carne.

Substituo
os dois pontos por uma vírgula,
elimino adjetivos,
escolho outro verbo.

Tudo parece melhor agora,
o verso faz um desenho na alma.
Quero fechar o poema
dentro da simetria do tempo.
Os últimos versos
se vão e não me agradam.

Esqueço o poema.
Na tela salvo sua plenitude
perdida.
No coração
um sintagma se despedaça.
Deleto tudo.

...e nada aconteceu comigo

Faz muito tempo,
escrevo poemas,
e nada aconteceu comigo.

Minha vida passou,
nuvem branca sem paisagens.

Li tantos livros.
Muito colhi na beleza
de suas páginas,
e nada aconteceu comigo.

Experimentei
me aproximar do outro,
seus territórios indevassáveis,
e nada aconteceu comigo.

Estou aqui,
as coisas, também,
e nada aconteceu comigo.

Conceito

(Para Gustavo Felicíssimo)

A vida
não se resolve.
Só os problemas
têm solução,
e a vida
pode ser tudo,
menos problema.

A vida
é pergunta,
surpresa,
encanto,
fadiga.

Pode ser poesia,
se vejo nova luz na luz
do mesmo dia.

Consulta

Nunca mais
vou para lugar nenhum.

Ficarei por aqui
ao abrigo do poema.

Não sei
se caibo no poema.
Não sei
se o poema me protege.
Não sei
se o poema vai cuidar de mim.

Tenho um câncer na alma
e uma cirrose no coração.

O poema onde resido
não tem vacina nem fortificante.
A última sonografia
acusou um cisto na solidão.

(Queria a morte como uma graça,
sem alardes).

Princípio

Chi

Axé

Libido

kundaline

Energia vital

O bem e o mal.

Risco

O melhor de ser poeta
é não existir, ou existir,
quando menos se espera.

O que se deu na minha vida?

Houve um tempo,
Valéria me amava.
Gastei meus cobres
com a luxúria de Madalena,
e a poesia que eu fazia
só me maltratava.

É duro ser poeta no século XXI.
Se lírico, dói mais ainda.

Tabuada

Darei conta
de mim mesmo?

Ora me somo.
Ora me diminuo.
Ora me multiplico.
Ora me divido.

A tabuada
não dá certo nunca!

Futebol

(Para Edônio Alves Nascimento)

Poema bom
parece um drible.

Driblar as palavras,
coisa de poeta.

Mas o poema
não só dribla as palavras,
é um drible na vida.

Se o lance se der
na diagonal, a música
do poema chega perto
do gol.

Aí, a vida acaba!

Disputa

Só estou comigo
quando comigo não estou.

Estar comigo é estar com tantos
e com ninguém.

Ainda ontem eu era um poeta
maldito.

Hoje afago as palavras
sem qualquer ilusão.

Sinto o peso do corpo
e a leveza das coisas
que abandono.

Estarei ficando velho
ou é o domingo que não tem fim?

Se o poema
me devolve os dias vitoriosos,
a realidade é perfeita
para a derrota.

Espólio

(Para Patrícia Germano)

A raiz
do silêncio
dessas pedras.

O pai, que se foi,
num dia abrupto;
a mãe, que ficou
com os olhos cheios
d'água.

Os filhos que brotaram
na primeira chuva,
a casa que suporta o mundo,
e, mais que tudo,
o verso que não acaba.

Sozinho no poema

Sei
que vou ficar
sozinho,
quando o poema
acabar.

Quando
o poema acabar,
é a hora de a agonia
começar
o dever de casa.

A poesia
me dói como ferida
que não cicatriza.
Mas a poesia me faz bem.

Muita coisa me faz bem,
se elimino outras páginas.

Há tanto amor
no que não digo.
há tanto amor
no que não faço.

Sei.
Vou ficar
sozinho.
Sozinho a soletrar
a aritmética do vazio.

No espaço, a multidão
dos astros me dirá
quem sou e onde estou.

Sei que é no poema.

O mar

O mar
na minha frente
me abre o coração
das águas
e me fala da ostra
perdida,
da noite líquida
que alimenta
o sonho dos peixes
alucinados,
e me devolve o martírio
dos barcos bêbados,
o soluço dos naufragos
que amavam o sal e o sol,
o sul das ondas que se vão
no périplo das espumas
para dissolver-se
nos ditirambos de areia
que meus olhos escrevem,
e as gaivotas cantam,
desesperadas.

O mar
me faz recordar
o poema dos navios,
a longa viagem
dos versos antigos,
a paixão dos piratas
e a pérola engastada
na praia do tempo.

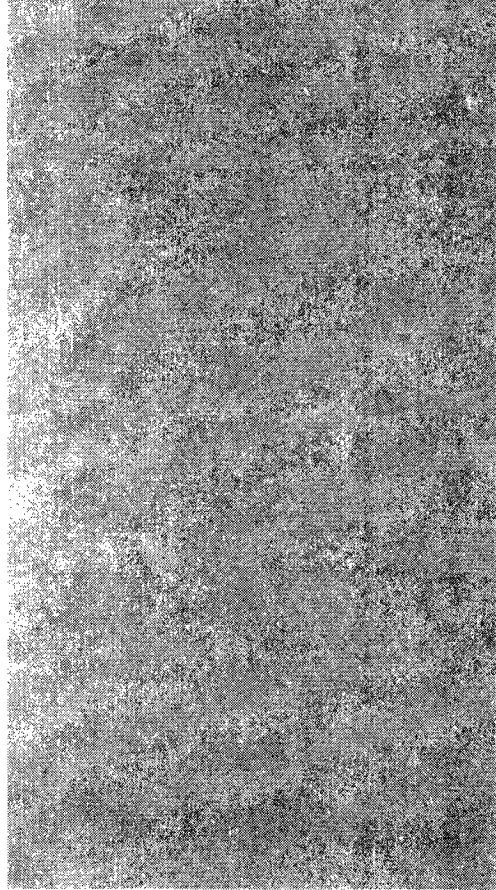
O mar
é como a vida,
fluido e infinito,
na mesma solidão
e no mesmo grito.

O mar
me escreve por dentro
do poema.

Vou me banhar
no aquático idioma
de seus astrolábios
esquecidos.
Mergulhar, fundo,
nos seus abismos opacos
e rutilantes.

Ficar para sempre
sepulto, entre búzios, corais
e rimas.





“Ao submeter a poética da criação à metáfora da morte, Hildeberto faz irromper uma estética do desassossego. E como não há morte onde não haja vida, a paixão, o amor, o erotismo e o desejo insuflam os versos demasiado humanos, esculpidos no barro da impermanência. {...} Há muito de fáustico nessa estética do desassossego. Melhor dizendo, há a excitação do demoníaco, o desejo de tragar o mundo em goles de desespero, conhecer 'o sabor do perdido', permanecer 'disposto a tudo', inclusive a descobrir 'Deus como uma falha' dentro de si... {...} Ao fabular a morte como a única metáfora, o encantador de palavras avança pelos domínios dionisíacos, apenas o faz com a presciência de quem já desceu muitas vezes aos infernos, guiado por poetas que lhe indicaram saídas e cujos nomes permanecem, em belos epitáfios, gravados nas palavras-pedras dos versos que homenageiam, em suas 'sílabas polidas', uma galeria de imortais – Dante, Petrarca, Camões, Baudelaire, Eliot, Drummond... {...} Sequer precisamos dizer que, nas mãos treinadas do artífice, a poética da morte não sucumbe ao lúgubre, antes produz um caleidoscópio de imagens multicores de vida, de maneira que, embora o próprio poeta confesse 'morrer em cada palavra', este belo livro não nos confina em poemas-túmulo. Não que a percepção da morte como 'a única metáfora' seja apenas artimanha, artifício, estratégia retórica. Para além de qualquer teorização mais ou menos sofisticada sobre o Eu lírico, decifra-se, em palimpsesto, ritos e mitos de escrita de um homem-humano que sonha e deseja a vida em plenitude, mas já não quer ou já não pode confrontar a finitude senão com os olhos abertos”.

Sanda Luna, em Apresentação ao livro *As palavras me escrevem* (2019)



Hildeberto Barbosa Filho nasceu em Aroeiras (PB) em 1954. Professor titular aposentado da UFPB. Mestre e doutor em Literatura Brasileira. Ocupa a cadeira número 6 da APL – Academia Paraibana de Letras. Colaborador semanal do jornal A União, assinando a coluna “Letra Lúdica”, e da revista Correio das Artes, com a coluna “Convivência Crítica”. Poeta, ensaísta, crítico literário, cronista, com inúmeras obras publicadas.

ISBN 978-65-5608-234-9



9 786556 082349